

**O *Curriculum Vitae* como vestígio do passado. Dario de Bittencourt (1901-1974),
uma eminência duplamente parda.**

José Antônio dos Santos
Doutorando em História PUC-RS

Resumo: A partir dos documentos arrolados e das versões das histórias contadas por Dario de Bittencourt no seu *Curriculum Vitae*, o que mais nos interessa para o escopo dessa comunicação são as questões que dizem respeito à sua circulação intelectual e auto-identificação étnico-racial. As racionalidades e estratégias discursivas que usou para cruzar os dados da sua trajetória intelectual com as de seu pai e de seu avô, utilizadas para reforçar a identidade racial que assumiu. Segundo ele, foi um “pardo que sempre prestigiou as organizações dos pardos” na cidade de Porto Alegre. Nas primeiras décadas do século XX, foi um dos responsáveis pela manutenção do jornal *O Exemplo*, fez parte dos quadros sociais do clube *Floresta Aurora*, circulou em terreiros de batuque e advogou em defesa das causas da comunidade negra da capital.

Palavras-chaves: intelectual negro, *curriculum vitae*, Dario de Bittencourt

A expressão *eminência duplamente parda*, teria sido uma alusão bem humorada feita por Dario de Bittencourt sobre o seu avô Aurélio Viríssimo de Bittencourt. Ele fazia referência mais do que à cor *parda* de Viríssimo, a certa influência política e na forma de administrar que este exercera, como secretário particular, nas administrações de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros¹. A partir dos documentos arrolados e das versões das histórias contadas por Dario no seu *Curriculum Vitae*, o que mais nos interessa para o escopo desse artigo são aquelas questões que dizem respeito à sua auto-identificação como *pardo*, *mulato* e *negro* e as racionalidades e estratégias discursivas que usou para cruzar os dados da sua trajetória intelectual com as de seu pai e de seu avô no sentido de reforçar a sua identidade étnico-racial.

¹ Cf. BARRERAS, Maria J. L. *Dario de Bittencourt (1901-1974): uma incursão pela cultura autoritária gaúcha*. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 1998. A autora afirma que, em entrevista com o jornalista Carlos Reverbel, o mesmo havia lhe dado conhecimento dessa frase de Dario.

Ao construir a narrativa biográfica ele se coloca, na maioria das vezes, como se estivesse acompanhado dos seus dois mentores intelectuais. Como se aqueles pudessem definir, pelos caminhos que trilharam, os limites e os alcances do trajeto intelectual e de identificação étnica percorridos por Dario e que ele registra de forma linear e coerente como um projeto definido e orientado desde o nascimento. Esse vir a ser do nosso autor é uma busca constante, permeada pela preocupação em construir uma memória *post mortem* ainda em vida e deixar tudo registrado no currículo, o que nos aproxima do que conhecemos como *ilusão biográfica*². No nosso caso, vamos procurar escapar das armadilhas da construção coerente dessa vida passada, buscando o contraditório nas suas afirmações, cotejando informações e aproximando outros personagens que não sejam aqueles destacados por ele como sendo os principais.

O exemplar número 66 do *Curriculum Vitae* de Dario de Bittencourt será a nossa porta de entrada para conhecermos um pouco da sua vida. Impresso por ele em Porto Alegre aos 29 dias do mês de agosto de 1958, faz parte da tiragem de 200 exemplares que deveriam ser distribuídos entre seus familiares, amigos, colegas da Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul e confrades da Academia Sul-Riograndense de Letras. O *documentário* nasceu de duas necessidades iniciais: por solicitação daquela Faculdade que desejava obter dados bio-bibliográficos de seus docentes, e em virtude de seis meses de inatividade forçada, no segundo semestre de 1954, em consequência de doença que lhe paralisou um lado do corpo e deu ensejo para a elaboração do *Curriculum*, por ele definido, como uma *mensagem de pré-morte*³.

Esses dois compromissos com a vida antes da morte, um deles de caráter profissional e o outro emocional ou afetivo, causado pela doença, o tempo de recuperação e o medo do fim da existência, levaram Bittencourt a organizar o *documentário*, uma maneira prática de tornar perene o seu nome e o de sua família, bem como de tornar pública a sua trajetória intelectual e política. Nesse sentido, a volumosa

² Escapar da *ilusão biográfica* não é uma opção metodológica simples, principalmente, quando conhecemos um pouco da história do biografado. No nosso caso, sabemos que Dario de Bittencourt só morreu em 1974, portanto, 16 anos após a publicação do *Curriculum Vitae*, considerado por ele como uma *mensagem de pré-morte*. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

³ BITTENCOURT, Dario de. *Curriculum Vitae – Documentário, 1901-1957*. Porto Alegre: Ética Impressora Ltda., 1958. No final do documento, temos um *apêndice* que leva no título – *De como, por que e quando fui acoimado de 5ª. coluna* – a terceira justificativa para a publicação do Currículo. Em virtude das suas posições políticas e de assumir a liderança integralista no Estado, Dario foi acusado de traidor durante a Segunda Guerra Mundial.

publicação que ora temos em mãos é mais do que um *curriculum vitae*, como hoje entendemos, é uma autobiografia documentada. Ele monta um arrazoado cronológico sobre si que comprove não apenas os laços profissionais, mas principalmente, a sua origem familiar privilegiada e as relações intelectuais, étnicas, religiosas, políticas e afetivas que o ligaram a uma rede de pessoas. Algumas são pessoas humildes e desconhecidas e outras, na maioria das vezes, personagens importantes na vida intelectual e política do Estado e do país que dão relevância ao *curriculum* e perenidade ao nome do biografado.

As características de *documentário* individual que abrange o núcleo familiar são atingidas na medida em que tudo o que é afirmado deve vir com a sua respectiva prova. Assim, temos desde a descrição do seu registro civil de nascimento, batismo, casamento, diploma de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, certificado de livre docente da Faculdade de Direito de Porto Alegre, decreto presidencial de Suplente do Conselho Regional do Trabalho da 4ª. Região, convite para ser *imperador festeiro* da Irmandade do Divino Espírito Santo, documentos que comprovam ter ocupado a *chefia provincial* dos integralistas no Estado, várias referências bibliográficas e hemerográficas que fazem referência à sua circulação intelectual, bem como, a de seu pai e avô. É interessante observar que todos os outros familiares, esposa, filhos, tios e demais amigos e colegas, quando aparecem são em segundo e terceiro planos, mais no sentido de reafirmar ou negar os feitos e defeitos daquela existência⁴.

No inverno de 1927, com 26 anos, ele assim se apresenta no poema intitulado

Eu:

De Mamã não me lembro; de Paizinho,
sei que Deus mo tirou, tendo eu nove anos
- e de então, para cá, dos Desenganos,
Cruzo, cheio de abrolhos, o Caminho...

Órfão de Mãe e Pai, - mais, de carinho, -
em boemia passei tempos levianos;

⁴ O caráter documental do *Curriculum Vitae* é reforçado logo nas primeiras páginas, pois temos a impressão digital do autor, o que reafirma a autoria do documento, em que a impressão digital é única, marca da identidade do indivíduo, e uma fotografia de 1953, em que o mesmo veste pomposa toga da magistratura judicial. Na fotografia, temos uma representação para a coletividade ou o indivíduo que se mostra com signos de distinção para ser aceito e fazer parte de uma camada da sociedade da capital.

hoje, depois de ver todos seus danos,
a vida mais perfeita me encaminho.

Se procuro não ser, na Vida, um falho,
nem aspiro a lugares de relevo,
- só quero os bens, fruto de meu trabalho.

E, sem vaidade, a proclamar me atrevo:
este pouco que sou, algo que valho,
- depois de Deus, ao próprio esforço o devo!

Esse poema faz parte do preâmbulo do *Curriculum Vitae* de Dario⁵, escrito trinta e um anos antes do livro, o que nos indica a importância dessa composição para o autor na medida em que ele abre a principal publicação da sua vida. O poema nos sugere que a presença da mãe é quase ignorada na sua trajetória intelectual; o pai lhe faltou quando dele mais precisava, desde então se tornou duplamente órfão, mais de carinho do qualquer outra coisa, e só com a ajuda de *Deus* e por esforço próprio, resultado de muito trabalho, conseguiu valer algo. A morte do pai aos nove anos foi um divisor de águas na sua vida, os *abrolhos* – rochedos marinhos que chegam à superfície – são usados como uma figura de linguagem que remete às dificuldades e obstáculos que ele teve que superar tão logo se deu o desaparecimento do patriarca. A figura do avô não é citada no poema, mas é importante conforme veremos adiante, está por trás, subentendida, pois assegura e referencia a sua origem importante que não lhe dá o direito de ser *um falho*. O *pouco* que afirma ser ou valer lhe dá condições morais de se auto-definir como resultado do *próprio esforço*, conclusão individualista que nos leva a rever e questionar o inventário documental que constrói sobre si.

No capítulo intitulado *Jornalismo*, inicia: *Com inato pendor para o jornalismo e as letras – herança avita -, desde o curso ginásial se ensaiava em pasquins escolares manufatados ou em cópias a gelatina*⁶, o nosso autor teria nascido com a vocação para as letras, herança que trazia de berço. Seu pai, Aurélio Viríssimo de Bittencourt Júnior,

⁵ O caráter de documentário ou a tentativa de certificar ou provar a verdade do que diz, também é buscada pelo autor, com o recurso estilístico ou jurídico de se referir a si mesmo na terceira pessoa do plural, como *Dario* ou *Dario de Bittencourt*.

⁶ *Curriculum vitae*, p. 68

nasceu em 28 de fevereiro de 1874, na capital gaúcha, era diplomado em Direito na Faculdade de São Paulo e morreu, em 30 de julho de 1910, quando ocupava o cargo de juiz distrital da vara de órfãos da cidade de Porto Alegre. Foi estudante interno, como será seu filho mais tarde, do Ginásio Nossa Senhora da Conceição, fundado por padres jesuítas em 1870, e situado em São Leopoldo. Pelas salas de estudos, corredores e dormitórios do *Conceição*, como era conhecido na época, passaram figuras ilustres como Álvaro Moreyra, João Neves da Fontoura e Borges de Medeiros, para citar alguns. Não é à toa que seu avô, tão logo assumiu a paternidade de Dario, após a morte do filho, o matricule no mesmo *Ginásio*, aquele era um lugar de formação da elite intelectual e econômica do estado e ele deveria assumir o lugar que lhe era destinado naquela sociedade – advogado e intelectual. A educação ou instrução, como era conhecida na época, era entendida pela comunidade negra como sendo a principal forma de integração racial e ascensão social para os descendentes da senzala.

Quando foi para o internato em 1911, Dario já era alfabetizado pelo pai e a tia-avó materna dona Maria José Bastos Cruz. *Tia Zezé*, irmã da avó materna de Dario, *alma boníssima, filha de pai rico*, foi morar com a sua família desde a morte do marido que, segundo ele, a havia roubado e vendo-se flagrado, suicidou-se. Essa senhora que acompanha a vida dele até os vinte e dois anos, parece ser mais importante do que a sua própria mãe que desconhecemos o fim, acreditamos que tenha morrido antes que o seu pai⁷. Ele também frequentou a aula pública primária, mista, regida pela tia paterna professora Adelina Lydia de Bittencourt Machado. *Tia Chinoca* como era conhecida, havia se diplomado na extinta Escola Normal, a 25 de dezembro de 1888 e faleceu, no final do ano de 1925, quando era homenageada como paraninfa na Escola Elementar 13 de Maio. Essa trajetória feminina que se deu durante a escravidão, com a formatura logo após a abolição, ressalta a importância da educação para a família Bittencourt.

As informações dadas por Dario no seu documentário ressaltam a importância daquelas senhoras para a sua formação e para suprir, pelo menos um pouco, a falta do carinho materno. O lugar destinado às mulheres naquela sociedade das primeiras décadas do século XX, era geralmente restrito ao mundo da casa, cuidado com o marido e educação dos filhos, educação que podia se estender para o âmbito da escola. *Tia Chinoca* ocupou o papel social de professora primária e à *Tia Zezé*, enganada pelo

⁷ *O Exemplo*, de 17 de setembro de 1922, noticia o óbito de *Tia Zezé*.

marido viciado no jogo, só restou a vida de dona de casa e a circulação na casa dos familiares morando de favores⁸. Se considerarmos o caso de *Tia Chinoca*, irmã de seu pai, que carregava no apelido muito do lugar social subalterno que se esperava dela e que conseguiu suplantá-lo ao chegar a ser uma das primeiras professoras negras da capital⁹, poderemos nos aproximar das expectativas de seu pai e avô para o futuro de Dario. Na condição de homem e *pardo*, substantivo que definia um lugar social e político intermediário entre o negro e o branco, obviamente, não eram aqueles papéis destinados às tias, o que estava definido ao único filho de Aurélio de Bittencourt Júnior.

Nos anos de 1911 e 1912, Dario estudou no *Conceição*, últimos anos em que o internato funcionou e onde ele obteve as melhores notas da turma em Português, nos sugerindo o resultado do contato aproximado com os livros e os ensinamentos do pai e familiares. Aurélio Júnior junto com seu irmão Sérgio e outros foram fundadores do jornal *O Exemplo*, em 1892, como se lê na primeira página, criado para a *defesa de nossa classe e o aperfeiçoamento de nossos medíocres conhecimentos*¹⁰. A classe dos *homens de cor* ou *pardos*, já inseridos na sociedade, pois sabiam ler e escrever, o que era domínio de poucos, vinha à público com muita humildade, para serem vistos e copiados como modelos e exemplos de que era possível a ascensão social dos negros. Nesse número, os dois representantes dos Bittencourt fazem parte da *comissão de redação*, responsáveis por receber e analisar as reclamações e as contribuições da *parte literária* do jornal. Ambos também assinam colunas, poesias e charadas no semanário.

Dario se definiu como *pardo que sempre prestigiou as organizações dos pardos*¹¹, fez parte do quadro social da *Sociedade Beneficente Floresta Aurora*, fundada em 1872, participou do Conselho Superior da *Liga Nacional de Futebol Porto-Alegrense*, fundada em 1919, para congregar times formados com jogadores negros, foi sócio da *Sociedade Satélite Porto Alegrense*, de 1902, que hoje é conhecida como

⁸ Desde a morte do marido, *Tia Zezé* residiu com os pais de Dario, e, sucessivamente, com a irmã, e pela morte desta, com a família de José Maria Garcia, até o seu óbito, conforme nota acima.

⁹ Ser chamado de *chino* ou *chinoca*, respectivamente homens ou mulheres, ainda hoje é uma forma de identificar os mestiços de procedência negra e ou indígena, algumas vezes de forma carinhosa, outras tantas de maneira pejorativa.

¹⁰ Conforme a primeira edição de *O Exemplo*, de 11 de dezembro de 1892. Esse jornal é hoje considerado como parte do que conhecemos como *imprensa negra brasileira*, ou seja, periódicos que tinham como principal objetivo divulgar o cotidiano das suas comunidades e reivindicar melhores condições sociais e políticas para os negros. Nesse caso, sugerido pela expressão – *defesa de nossa classe* – ou a classe dos *homens de cor*, como eles se representavam no período.

¹¹ Título de capítulo do *Curriculum Vitae*, p. 158.

Satélite Prontidão e, finalmente, fez parte do *Grêmio Náutico Marcílio Dias*. A ampla circulação no meio negro da capital atesta a sua condição e opção, se é que se pode optar numa sociedade racista, por uma identidade étnico-racial subalterna e marginalizada. A sua auto-definição como *pardo* remetia à situação social e racial intermediária de uma *elite negra* que procurava ascender e inserir-se socialmente, não apenas em virtude da situação econômica e intelectual, mas sobretudo no sentido de se distinguir da maioria negra, ainda muito vinculada ao período anterior da escravidão. Por outro lado, a identificação como *pardo* também podia assumir aspectos negativos, como nos indica a polêmica travada entre os redatores dos jornais *O Exemplo* e *Última Hora*. Nesse caso, o jornal afirma: *É lastimavelmente PARDA a mentalidade dos moços do O Exemplo*, por terem estes se manifestado contrários à comparação de Adão Latorre, famoso degolador negro, morto em 1923¹², com os *heróis brasileiros de cor preta* – Henrique e Marcílio Dias, pernambucanos que lutaram contra o domínio holandês.

Naquela polêmica, o jornal *Última Hora*, também conhecido popularmente como *vaca braba*, por estar geralmente no centro das discussões, dá uma acepção negativa ao *pardo*, como escuro, pouco iluminado ou no limite, faz referência aos *moços do O Exemplo* como pessoas de pouca inteligência. Em 1920, quando Dario passou a fazer parte da direção de *O Exemplo*, o faz como uma obrigação, uma tradição paterna e *avoenga*, herdada dos avós que o coloca também na condição de assumir o seu papel de liderança com o seu grupo de cor. Segundo ele, reconhecido socialmente como *notória e sabidamente mulato*, Dario se coloca nas fileiras de organização do jornal no combate ao preconceito de cor até 1930 quando o jornal encerra os seus trabalhos.

Nesse período, ele reafirma a influência que recebeu do grupo mantenedor do semanário, entre eles o *velho e leal amigo* Clemente Gonçalves de Oliveira, oficial de justiça, na época conhecido como *meirinho*. Clemente lhe teria aconselhado, tão logo formado em Direito, a assumir a *advocacia militante*. A vida como profissional liberal seria mais fácil e folgada, do ponto de vista econômico, do que as que tiveram seu pai e avô, sempre atrelados ao poder público. O que parece ter servido para as opções profissionais de Dario que trabalhou nos foros cíveis, trabalhistas, militares e criminais,

¹² A Revolução de 1923 coloca em campos opostos os partidários de Assis Brasil e Borges de Medeiros, até o Pacto das Pedras Altas, assinado em dezembro desse mesmo ano.

se especializando nos ramos do Direito Comercial, Civil (Família e Sucessões), Fiscal e do Trabalho, além de ser advogado da Associação Comercial dos Varejistas de Porto Alegre e membro do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil.

Em 1943, quando terminou a edificação da sua casa própria, Dario reservou uma das maiores salas à *Biblioteca Jurídica* que denominou *Sala Aurélio Júnior*, como seu pai assinava na maioria das vezes os poemas que eram publicados nos jornais da época, *Correio do Povo*, *Jornal do Comércio*, *Petit-Journal* e *O Exemplo*¹³. A referida *Sala* foi formada com livros de Direito, Filosofia, Sociologia e Economia, em homenagem ao pai, embora, dos livros deste, um único havia restado. Era a obra *Princípios Gerais de Direito Constitucional dos Estados Unidos da América do Norte*, versão de Alcides Cruz, então professor da Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre, editada em 1909, que havia sido dedicada pelo autor ao *dr. Aurélio Júnior*. O livro havia sido guardado por *Tia Zezé* desde a morte do seu pai e lhe foi entregue em 1918, quando Dario se preparava para entrar naquela Faculdade de Direito. Era mais um reforço do caminho profissional que haviam escolhido para ele, advogado e juiz como seu pai ou amanuense como seu avô. Muito embora toda a sua resistência em ser funcionário público, ele se aposentou, em 1957, como professor catedrático de Direito Internacional Privado da Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul¹⁴.

Em outro cômodo, também localizado no andar superior da sua casa, Dario teria reservado para a *Sala Aurélio de Bittencourt*, destinada aos livros de história e literatura nacional e estrangeira. O avô paterno – Aurélio Viríssimo de Bittencourt – fora membro fundador do Partenon Literário em 1868, e da primeira Academia Rio-Grandense de Letras em 1901, nos dois casos ocupando cargos de direção. Também dirigiu o *Jornal do Comércio* entre 1903 e 1911, foi tipógrafo, jornalista, alto funcionário público, secretário particular de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros¹⁵. Nesse caso, o *marco zero* para a formação bibliográfica dessa *Sala*, foi *A Retirada de Laguna* do Visconde de Taunay, comprada com seus próprios recursos ainda jovem. Desde os seus dezoito anos, em 1919, ele possuía em sua biblioteca uma obra rara de Qorpo Santo, eram

¹³ Como era comum na época, muitas vezes Aurélio Júnior usava pseudônimos ou corruptelas do seu próprio nome como: Hélio Jonuir-Vidoski e Áurio Nojuir ou, simplesmente, Delmar de Castro.

¹⁴ Cf. transcrição de documento na página 178 do *Curriculum vitae*.

¹⁵ Cf. FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. 4ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

alguns fascículos de *A Ensiqlopédia ou Seis Meses de uma Enfermidade*. Criador de uma fonética original no século XIX, José Joaquim de Campos Leão, ficou conhecido como *Qorpo Santo* e teve sua obra reconhecida apenas no início da segunda metade do século passado. O gosto de Dario pela leitura e coleção de livros era elogiado por todos aqueles que conheceram a sua biblioteca, foi em sua casa que Guilhermino César achou a obra rara do genial escritor gaúcho¹⁶.

O *velho Aurélio*, como ele se referia ao avô, como animador de rodas literárias e funcionário público, usava muito bem a sua influência política e identidade étnica para influenciar os seus protegidos. Foi o caso de José Paulino de Azureña (1860-1909), tipógrafo, jornalista e cronista do *Correio do Povo* de 1899 até a sua morte, tinha como padrinho intelectual e mestre o *velho*. Aos vinte e um anos Paulino começou a se exercitar como escritor na *Revista Literária*, coordenada pelo amigo de sempre e também padrinho de casamento, até chegar à atuação destacada como o cronista *Leo Pardo* da coluna *Semanário* do *Correio do Povo*¹⁷. Ele se declarava *pardo* e algumas vezes *negro* em suas crônicas, o que devia lhe trazer alguns riscos naquela sociedade porto-alegrense pouco afeita à aceitação da diferença cultural e racial vindas da comunidade negra. Dario de Bittencourt, provavelmente, deve ter conhecido Paulino de Azureña ainda em vida na casa de seu avô, nas andanças literárias de seu pai ou conhecido as crônicas de *Leo Pardo*, quando adulto, pois foram ambos imortais da *Academia Rio-Grandense de Letras*, fundada em 1901. De qualquer forma, a trajetória de Azureña era conhecida no meio negro e intelectual de Porto Alegre, o que pode ser visto ou sugerido como um exemplo a ser seguido.

Para finalizar, ainda temos a presença de outra *senhora* que poderia ter colaborado nas opções de Dario quanto ao direcionamento de sua vida intelectual e de identificação étnico-racial, foi a negra velha, ex-escrava Senhorinha de Souza. Segundo ele, *sempre alegre, risonha, disposta e que suportou, estoicamente, todas as traquinagens e má-criações do autor*¹⁸. Ela era *adepta da religião fetichista* e, de

¹⁶ Nesse sentido, ver: CRISTALDO, Janer. *A descoberta do Qorpo*. Edições em pdf eBooksBrasil.org, acessado em 22 de outubro de 2007.

¹⁷ LAZZARI, Alexandre. *Rumor das savanas no bazar literário: a crônica de Leo Pardo em Porto Alegre*. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de S. e PEREIRA, Leonardo A. de M. (Orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

¹⁸ *Curriculum Vitae*. p. 38

alguma forma, havia influenciado o autor a buscar outras explicações para a vida espiritual que completasse o catolicismo arraigado dos Bittencourt¹⁹. Dario era o representante da terceira geração da família a fazer parte da secular *Irmandade do Divino Espírito Santo*, estudou em colégio jesuíta e teve formação religiosa desde o berço. Como católico praticante, depois de um interregno de vinte anos, nas décadas de 1940 e 50, fez parte da *Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre*, da *Confraria de Nossa Senhora da Conceição* e da *Devoção de São Cristóvão*, foi legionário das obras da *Catedral Metropolitana* e da matriz de *São Sebastião*, localizada no bairro Petrópolis²⁰.

Foi naquele período de busca espiritual que ele escreveu o artigo *A liberdade religiosa no Brasil: A Macumba e o Batuque em face da lei* e mandou, em 1937, para o 2º. Congresso Afro-Brasileiro, realizado em Salvador. Desde o primeiro Congresso, realizado em Recife em 1934, pesquisadores como Gilberto Freyre, Édison Carneiro e Aydano do Couto Ferraz, entre outros, tiveram a preocupação de se aproximar da *autenticidade e pureza dos ritos africanos*, bem como da presença física de pessoas do povo entre os congressistas²¹. O objetivo era: a partir da participação dos representantes das religiões de matriz africana naqueles congressos, apresentar o *candomblé africano* como religião, buscando uma maior aceitação social e o conseqüente distanciamento da identificação com bruxaria, feitiçaria ou *coisa do mal*. Nesse sentido, os pais e mães de santo, escreveram suas memórias para o debate e apresentaram os rituais religiosos ao público, no que tiveram a aprovação dos intelectuais da elite.

Nos anos de 1936 e 37, Dario havia circulado nas *casas de nação* de Mãe Andreza (Andreza Ferreira da Silva) e sua filha de ventre e de religião, conhecida como Caixinha (Geraldina Alves Ribeiro), de Dona Moça, de Joana do Bará, entre outras. Ele foi ver ao vivo e a cores, levado, provavelmente, por alguém do grupo de *O Exemplo*, além de pela curiosidade intelectual e busca espiritual, os *cultos fetichistas*, a fim de *constatar o sincretismo e absorção das práticas do ritual da Igreja Católica*²². Num segundo momento, ele deu ares de pesquisador ao seu périplo religioso, em que

¹⁹ BITTENCOURT, Dario de. *Após 20 anos de afastamento, retornei ao seio da Santa Madre Igreja Católica*. Revista Estudos, ano 1, n. 2, agosto-setembro de 1940.

²⁰ *Curriculum vitae*, p. 113.

²¹ Nesse sentido, ver: DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó Nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

²² *Curriculum vitae*, p. 84.

teria orientado Melville J. Herkovits e Roger Bastide, eminentes etnólogos norte-americano e francês, respectivamente, em suas visitas na década de quarenta à capital. A sua aproximação com Mãe Andreza, que segundo ele, *não era uma batuqueira vulgar, dessas que pululam por aí, explorando a credence dos incautos e a credulidade alheia, ao contrário, embora analfabeta, era de uma inteligência singular*, demonstra o grau de admiração que teve com o batuque. Proximidade e admiração que se manteve ao longo dos anos, em 1951, quando Mãe Andreza morre, é o advogado Dario de Bittencourt que encaminha os papéis do seu inventário – um casebre tosco, onde ficava a casa de nação.

Ele dedicou o texto publicado nos anais daquele Congresso, à memória de Senhorinha, *escrava de meus ancestrais maternos e também minha dulcíssima, bondosa e paciente Mãe Preta*²³. Ao que parece, a negra velha Senhorinha que morou com ele e seu pai desde que nasceu, permaneceu na memória e foi saudada vinte e dois anos após o desaparecimento como - Mãe Preta. O que nos sugere ter sido ela uma das principais referências femininas de mãe, carinho e educação para Dario, tendo influenciado a opção que ele fez de conhecer e defender, com um texto mais jurídico do que etnológico, os rituais religiosos de matriz africana.

Bibliografia

- BARRERAS, Maria J. L. *Dario de Bittencourt (1901-1974): uma incursão pela cultura autoritária gaúcha*. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 1998.
- BITTENCOURT, Dario de. *Curriculum Vitae – Documentário, 1901-1957*. Porto Alegre: Ética Impressora Ltda., 1958.
- BITTENCOURT, Dario de. Após 20 anos de afastamento, retornei ao seio da Santa Madre Igreja Católica. *Revista Estudos*, ano 1, n. 2, agosto-setembro, 1940.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

²³ RAMOS, Arthur (org.). *O negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1940.

CRISTALDO, Janer. *A descoberta do Qorpo*. Edições em pdf eBooksBrasil.org, acessado em 22 de outubro de 2007.

DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó Nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1988

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. 4ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

LAZZARI, Alexandre. *Rumor das savanas no bazar literário: a crônica de Leo Pardo em Porto Alegre*. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de S. e PEREIRA, Leonardo A. de M. (Orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

RAMOS, Arthur (org.). *O negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1940.